



## O VIVIDO, O RECORRENTE E O CONSTRUÍDO: TRAMAS DE SIGNIFICAÇÃO EM CONTEXTO DE ROMARIAS<sup>1</sup>

Maria Paula Jacinto Cordeiro

Universidade Regional do Cariri

E.mail: [paulacordeiro@gmail.com](mailto:paulacordeiro@gmail.com)

**Resumo:** O presente estudo volta-se para a compreensão das múltiplas motivações de romarias no contexto contemporâneo, na medida em que ao incorporar demandas distintas do universo religioso, o praticante opera elementos que contribuem para uma ressignificação não só do evento, mas, também, da própria compreensão do que é ser romeiro. O trabalho de pesquisa teve como lócus empírico o acompanhamento de indivíduos que se nomeiam romeiros. Utilizou-se entrevistas e observação de relações que se estabelecem entre eles, a cidade e demais agentes envolvidos nas romarias direcionadas a Juazeiro do Norte, no nordeste brasileiro. Como ferramenta analítica procedeu-se a elaboração de uma tipologia romeira, visando apontar elementos da variação nas práticas entre aqueles que se identificam como romeiros. Os resultados da investigação apontam que o mapa das representações centrais sobre a romaria é da ordem do vivido e do recorrente, o que possibilita a manutenção do evento como ritual e a carga simbólica que daí decorre, apesar da realização de práticas que se afastam do núcleo central das significações de acordo com apropriações diversas, já que a romaria é também festa, oportunidade de consumo e de encontro de pessoas. De maneira latu, a forma como a noção de romaria opera indica uma lógica de manutenção do seu conteúdo ritual e religioso: romeiros rezam, pagam promessas, fazem penitência, embora talvez se deva perguntar sobre alterações no nível de envolvimento dos romeiros em relação a essas práticas, considerando-se a ascensão e associação da experiência de viagens distintamente das experiências romeiras e seus efeitos combinados. Por fim, essas práticas constituem-se direcionamentos geridos por agentes que se apropriam do evento, mas que por inserirem-se numa demanda – a de viajar – disseminada cultural e largamente nos dias atuais, acabam por ajustarem-se ao deslocamento religioso, às vezes com tensão.

**Palavras-chave:** Romarias. Construção de sentidos. Práticas sociais.

### Introdução

Entendendo a religião como construção humana sob o “guarda chuva” da cultura, os fenômenos de deslocamentos religiosos contemporâneos envolvem várias

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta resultados da investigação que resultou na tese de Doutorado “Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte” defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em junho de 2010. Agradeço o apoio do CNPq (2008-10) e da FUNCAP (2006-07) que financiaram bolsas de estudos para execução da pesquisa.



perspectivas de interpretação a respeito das ações e sentidos evocados pelos agentes envolvidos. Nos estudos sociológicos, a peregrinação faz parte das práticas rituais características do sistema de crenças que constituem o aspecto religioso da vida. Sua apreensão está voltada para as implicações dessa prática no processo social.

Várias interpretações circulam nos meios sociológicos e antropológicos para os fluxos religiosos e, de uma forma geral, são elaboradas sistematicamente por meio de explanações que atendem ao caráter polissêmico dessas práticas. A matriz interpretativa das peregrinações é frequentemente a mais utilizada para pensar as romarias. De um ponto de vista classificatório, a tendência em analisar romarias utilizando a noção de “estrutura peregrina” costuma render uma discussão profícua já que a realização de peregrinações tem sido uma prática recorrente nas religiões do mundo, desde tempos remotos. Por sua dimensão diversificada, oferece um amplo lastro de possibilidades de inferência em relação a contextos semelhantes de fluxos religiosos.

Para pensar elementos que possam ser utilizados na compreensão das romarias no Brasil, neste estudo foco minha atenção nas experiências de romeiros que se deslocam à cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará<sup>2</sup>. A partir da identificação de quem são eles, de como fazem as romarias, a idéia é alcançar a trama de significações que envolve a articulação de demandas distintas do universo religioso e oferece um quadro que se constrói tanto a partir das vivências dos envolvidos, quanto de recorrências rituais. Os dados foram produzidos a partir de trabalho de campo utilizando entrevistas semi-estruturadas e observação entre 2006 e 2009.

### **Romaria como conceito e como experiência**

---

<sup>2</sup> As romarias a Juazeiro do Norte acontecem desde 1889, quando uma hóstia ministrada pelo Padre Cícero a uma beata- Maria de Araújo- converteu-se em sangue na sua boca. O fenômeno repetiu-se muitas vezes e as versões explicativas para ele também. Entre devotos prevaleceu a certeza de que o sangue era resultante de um milagre e a própria expressão do sangue de Jesus Cristo. A cidade cresceu favorecida pela migração de romeiros, situando-se atualmente como a terceira maior cidade do Ceará (a segunda fica na região metropolitana de Fortaleza) e recebe anualmente cerca de um milhão e meio de visitantes. Um grande número deles acredita na santidade do Padre Cícero, embora este tenha tido em vida as ordens suspensas por desobedecer aos seus superiores a respeito da condução das repercussões do fenômeno da hóstia. São cinco romarias por ano relacionadas a festividades religiosas da Padroeira (Nossa Senhora das Dores), de Nossa Senhora das Candeias e de Finados, além daquelas relacionadas às datas de nascimento e morte do Padre Cícero. Fora dos períodos oficiais de romaria, há fluxos de romeiros em pequena proporção ao longo de todo o ano.



As peregrinações cristãs da atualidade mantêm características medievais ocorrendo como expressão de culto aos santos e à Virgem Maria, que figuram como intercessores na mediação entre o céu e a terra. Como práticas religiosas, reportam a um movimento que é tanto físico, como espiritual e temporal. Ou seja, da mesma forma que se desenvolve na peregrinação um deslocamento espacial entre um lugar geográfico e outro, é também um deslocamento entre a terra e o céu, da terra para o céu e de volta a terra<sup>3</sup>. Para Eliade (1992) o santuário, lugar de destino do peregrino, é ordenador do mundo porque representa a santificação do Cosmos. O mundo, criado em oposição ao caos, pode ser continuamente purificado através da santidade do santuário.

Contudo, ao ingressar na experiência de buscar proximidade com um centro sagrado, os peregrinos partem de localidades onde residem e vivenciam situações de alteridade. Em contato com outros peregrinos e com os diversos agentes envolvidos no fenômeno, aproximam-se de situações que abrangem tanto intimidade, pertença e semelhança, quanto sentidos de estranhamento e diferença. A expectativa por parte do praticante em relação à conquista de um significado interior, embora seja variável de peregrino para peregrino, suscita estados de renovação e transformação em ambientes e situações caracterizados por espacialidade e temporalidade diferenciadas. O que acontece quando as pessoas se juntam na construção dos significados remete não só à experiência física de deslocamento e suas práticas, mas também a um sentido transcendente e subjetivo, que é construído de forma permanente, tanto individual como coletivamente. O sentido de alteridade embutido nessa construção é algo que se expressa na própria etimologia da palavra peregrino que vem do latim e significa estrangeiro.

Embora carreguem significados semelhantes, romaria e peregrinação não são categorias nativas similares em qualquer situação. Podem ser cotejadas como categorias analíticas próximas, em exames das práticas em contextos ampliados de fluxo religioso; porém, do ponto de vista das especificidades microssociológicas, isso deve ser cuidadosamente observado.

---

<sup>3</sup> Esse ponto é explorado por Eliade(1992) quando explica as imagens cosmológicas criadas pelas crenças religiosas onde as cidades santas e os santuários são “centros” do mundo e os santuários são ligações entre a Terra e o Céu.



Em Juazeiro do Norte, lócus geográfico do presente estudo, os aspectos que orientam as práticas de romarias podem ser compreendidos de forma mais abrangente per meio da articulação das noções de peregrinação, turismo, lazer, festa e consumo.

### **A articulação entre as dimensões da romaria**

As ligações entre a dimensão devocional do ser humano e a disponibilidade de tempo para o lazer se revestem de grande complexidade com o surgimento de práticas que associam de forma mais acentuada que no passado situações de férias, diversão ou lazer a deslocamentos religiosos. Isso favorece possibilidades de análise à luz das transformações na vivência do sagrado, ao passo que deambulações religiosas ligam-se também a um contexto de conquistas de direitos relacionadas ao tempo livre do trabalho no mundo ocidental.

De acordo com Timothy e Olsen (2006), a religião tem desempenhado um papel chave no desenvolvimento do tempo de lazer; isto acontece de tal forma que os padrões modernos de viagens e atividades não podem ser plenamente entendidos, a menos que a religião também seja considerada como variável importante. Para esses autores, igrejas, mesquitas, catedrais e monumentos que revelam algum tipo de arquitetura sagrada são apontados ostensivamente na literatura promocional do turismo, de forma que lugares sagrados têm sido mais visitados por turistas que por peregrinos espirituais. Isso tem acontecido porque governos e agências de turismo, ao tomar conhecimento do incremento em visitação aos locais sagrados, têm investido na ampliação da visibilidade desses lugares, com interesse em captar um público com potencial econômico significativo, ou seja, os “turistas religiosos”. Como resultado, os lugares venerados estão sendo posicionados no mercado turístico como recursos que podem ser mercantilizados para viajantes, em locais de interesse cultural e histórico.

Ao mesmo tempo, há uma ligação entre religião e festa no Brasil. Segundo Amaral (1998), essa relação instaurou-se a partir da tentativa de estabelecer uma comunicação entre diferentes culturas durante o período colonial. A partir da importação de uma forma portuguesa de festejar, marcada pela religiosidade medieval, estabeleceu-se um



modelo de sociabilidade inscrito na busca da semelhança dentro da diversidade. As festas religiosas que desde a Idade Média distribuem-se no calendário Juliano representam a tentativa da Igreja católica de “apropriar-se do tempo e das religiões pagãs, seguida de um processo de dessacralização e esvaziamento dos conteúdos das festas e substituição pelas datas religiosas” (ITANI, 2003, p.14). Para esta autora, além de espaço de produção de discursos e significados, a festa é uma experiência prazerosa de convivência e memória coletiva.

Abraçando um conjunto diversificado de rito, brincadeira, devoção e diversão, a festa também pode representar uma paradoxal ruptura / continuidade com o tempo do trabalho como enfatiza Espírito Santo (1990, p. 72) a partir do contexto do catolicismo popular português: “A festa camponesa é um complemento do trabalho, valoriza-o e confere-lhe um alcance multidimensional, enquanto os lazeres das sociedades industriais são antídoto do trabalho e tentam atenuar os seus efeitos, para o tornarem suportável”.

Segundo Itani (2003), as festas seriam as manifestações mais antigas e vivas da humanidade. Transmitidas e transformadas de geração em geração, elas estariam ligadas aos ciclos da agricultura, à relação do homem com o espaço / tempo e a vontade de dominar a natureza. Teriam surgido da tentativa de marcar o tempo e atribuir ordem a momentos de manifestação da natureza. Festas camponesas ligadas ao plantio e colheita ainda são freqüentes ao redor do mundo, como as que foram acompanhadas por Espírito Santo (1990) em Portugal e que no Brasil muitas vezes estão relacionadas a festas de santos padroeiros.

As festas estão sempre em processo de mudança, sendo continuamente transformadas por grupos sociais que dela participam e produzem novos significados simbólicos (ITANI, 2003); revestem-se de formas rituais e cada sociedade desenvolve-as como emergências de suas necessidades, com funções específicas e combinando



tempo e rito. Por isso estão sempre em transformação: a festa é ao mesmo tempo rito e para além dele, sua superação.

Contudo, é o caráter mediador da festa que fundamenta sua importância no processo social:

Assim, e como a característica básica de toda mediação é ser engendrada pelo mito, é conciliar o inconciliável, pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações na humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. [...] A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as condições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998, p.58).

Pensar que as romarias estão associadas a festas religiosas produz um espaço de convergência de narrativas teóricas, já que a festa, assim como as peregrinações ou mesmo as viagens turísticas, carrega um sentido comum de suspensão do cotidiano. Romaria e festa produzem uma combinação poderosa de experiências extracotidianas, mediando relações de intimidade entre o homem e o mundo, entre os participantes e aspectos mais abrangentes de sua cultura, de forma que essas classificações por vezes se confundem quando a romaria se torna a própria festa, ou a festa consiste em fazer a romaria.

Utilizar esses elementos para pensar contextos locais de romarias remete primeiramente a necessidade de investigar a caracterização do principal responsável pela manutenção da romaria e do status de sagrado atribuído ao lugar que recebe esse tipo de fluxo religioso. No caso de Juazeiro do Norte, o romeiro, como figura idealizada ou não, é central e paradoxal não só para as romarias, mas também para a compreensão da cidade e do fluxo de acontecimentos responsáveis pelo seu desenvolvimento.



## **Quem faz a romaria e o que espera dela?**

Para perceber as diversas articulações que indicam como a romaria é vivida hoje, é preciso compreender que resquícios traz do passado e como estes são associados às noções interpretativas que abrangem a romaria. Isso implica em pensar a respeito de seus participantes, suas práticas e definições de romaria.

Essa tarefa depara-se com o desafio de classificar um fenômeno que apresenta a complexidade de uma prática social que é apropriada por diversos agentes diferentes interessados em aspectos específicos de sua manifestação, ao mesmo tempo em que os próprios participantes envolvem-se por motivações diversificadas. Entre os vários canais de observação, um dos elementos que ajudam a captar a dinâmica que envolve o fenômeno são os moradores que se classificam romeiros, no contexto de Juazeiro do Norte, pois possuem uma visão abrangente da romaria, provavelmente porque aproximam-se do evento numa relação de expectador, ao invés de participante e, em decorrência, percebem a romaria tanto como narrativa da cidade, quanto como forma de manifestação popular que engloba várias modalidades de participação. Geralmente migrantes e seus descendentes de primeira e segunda geração e localizados em faixa etária superior a quarenta anos, os romeiros moradores partilham de memórias da formação e desenvolvimento da cidade e mantêm referências aproximadas sobre a figura do Padre Cícero, o seu papel em suas vidas e na construção de Juazeiro como um espaço de salvação. São indivíduos capazes de transitar sem muita dificuldade entre as práticas do catolicismo oficial e manifestações populares de devoção. Sobre a romaria são comuns suas afirmações sobre os benefícios que esta manifestação trazem para a cidade como pode ser identificado na fala abaixo, romaria nesse contexto é sinônimo de desenvolvimento local ao mesmo tempo em que a prática é também uma referência da relação com o santo.

Você quer saber? Juazeiro só é o que é por causa da romaria. Diga aí, o que seria de Juazeiro sem o Padre Cícero? Nada, minha filha. Quem vive de comercio mesmo, tem quem numa só romaria tire o sustento de três mês [e] mais. Se um e outro tem, de um jeito ou de outro, mais gente encontra



bonança. [...] E esse povo que vem é pelas mãos de meu Padim. [...] Vem com problema e tudo, deles que resolve, deles que é só na esperança... Mas se eles vem é porque sabe que aqui tem isso... Meu Padim num disse que ia rogar no céu pelo povo? Eu acredito... E quem vem para cá confia nisso. (GERALDO, morador, 67 anos, entrevista concedida em setembro de 2009).

Principalmente entre as massas juvenis da romaria emerge outra classificação possível que chamaremos aqui de romeiros-turistas. São participantes que consideram o lugar visitado passível de “ser aproveitado” em suas múltiplas oportunidades de experiência fora do cotidiano. Geralmente possuem maior escolaridade e são provenientes de meios urbanos, onde acessam noções de lazer e férias como experiências desejáveis através de deslocamentos geográficos. Essa subcategoria tem uma atitude pouco fervorosa em relação às práticas religiosas, muitas vezes considerando-as como encargo da romaria. Visitam as igrejas como “tarefa obrigatória”, que depois de cumprida abre espaço para outras experiências de lazer e entretenimento. Para estes a romaria é geralmente percebida como festa ou passeio:

É uma festa, né? Tanta gente diferente... Queria vir mais, ver o povo... Minha vó só quer tá nas igrejas, romaria é isso aí, mas o bom mesmo é o movimento da gente, uma hora é uma coisa, daí a pouco é outra, as vezes é andando, depois assistindo... Eu sinto alegria, é por isso que eu quero vir, ver as coisas bonitas e o povo, ta no meio do povo. Comprar tudo que dá vontade [...] Eu rezo, mas é por obrigação. Tem vez que eu vou na igreja e nem escuto o que o padre ta dizendo, fico só olhando tanta coisa bonita e o povo. (ANA LÚCIA, romeira de Pernambuco, 16 anos, entrevista concedida em outubro de 2006).

A partir de demandas distintas das práticas, os romeiros com essas características constroem uma experiência eclética que engloba idas ao shopping e lazeres balneares. Romaria, nesse caso, tem sentido de excursão que desperta interesse semelhante a outros eventos e festas de tradição popular ou rústica.

Por oposição a essa tipologia, participantes tradicionais que estabelecem um contrato vitalício de retorno anual como expressão de sua relação pessoal com o santo protetor dão conta da noção generalizada do que é romaria. São provenientes de meios rurais, vilas e zonas periféricas ou de centros urbanos onde mantêm expressões culturais



rústicas. Esses romeiros mantêm uma frequência variável a eventos religiosos em seu universo de origem, essa variação decorre principalmente de sua ligação com o trabalho rural e dificuldades de deslocamentos a cultos coletivos semanais. Os estabelecidos em meios urbanos ou periféricos são assíduos aos cultos oficiais. São adeptos e defensores da interpretação da romaria como expressão de penitência. A partir dessa noção, criticam as experiências distintas das práticas religiosas como pertencentes a um quadro de usurpação de significados. A construção dessa identificação do que é e do que não é romaria a partir da observação das práticas dos outros, oferece elementos para um discurso saudosista sobre um passado idealizado de práticas romeiras exclusivamente religiosas e geralmente relacionadas à idéia de sacrifício:

[...] A romaria é aquela que meu Padrinho Cícero disse que era para fazer: “Vá visitar as igrejas”... Ele disse [que] quem viesse pra aqui que fosse de carro no Horto, não dissesse que veio para a romaria, veio para o Juazeiro, mas não a romaria. A romaria é você vim pra aqui e ir daqui pro Horto de a pé, fazer [rezar nas] as 12 estações, e tem deles de ser [deslocar-se] de Joelho (SALVADOR, romeiro de Pernambuco, 68 anos, entrevista concedida em outubro de 2006).

Em meio a essas variações de classificações há ainda participantes cujo vínculo com a romaria não está relacionado à escolha pessoal em função da devoção com o santo, mas ao acompanhamento por pressão ou voluntário a outro participante da romaria. Geralmente são curiosos de qualquer idade ou jovens, menores de 18 anos a quem os familiares mais velhos tentam inculcar a importância das práticas religiosas:

Eu tinha curiosidade assim de vir ver como é a romaria. Via todo mundo vindo, principalmente minhas primas. Aí minhas primas não podia vir esse ano e minha vó não podia vim só. Aí eu vim porque ela tem um problema na perna [a avó]. Só pode! Nunca andei tanto na minha vida e é porque eu tenho as perna boa! E ainda por cima em cada igreja é uma missa! (DAVIANA, romeira de Alagoas, 17 anos, entrevista concedida em fevereiro de 2009).

Estes são indivíduos que estão geralmente em estágios variáveis do processo de socialização religiosa. Tanto há os envolvidos em práticas de devoção oficiais e populares quanto os que dão os primeiros passos na aproximação com o catolicismo ainda demonstrando alheamento a expressões do culto religioso característico das romarias. Esses participantes geralmente percebem a romaria como uma “aventura do



conhecimento do mundo”. Não tem uma elaboração formada sobre a experiência, recorrendo frequentemente à leitura dos mais experientes para construir uma elaboração racional sobre o deslocamento. Evocam muito as referências de narrações e explicações de segunda mão como forma de elaborar a experiência num quadro de representações.

### **Relações com o lugar e com os outros**

Os elementos apontados acima como a caracterização romeira do migrante de outrora se complexificou, evidenciando vários perfis. As romarias continuam se orientando para o exercício de uma vivência religiosa, com uma forte vinculação devocional. Ao mesmo tempo o romeiro é atraído também pela dimensão exacerbada da sociabilidade, num espaço diferenciado. A romaria é a maravilha vivenciada da identificação que se delineia no plano emocional, no fervor de se constituir um “eu” romeiro que se funde a um “nós” no sentido de “povo romeiro”, como pode ser percebido na fala a seguir:

Fora da romaria nós não sentimos a energia que há entre os romeiros. Não é que Juazeiro do Norte não tenha romeiros e não tenha pessoas com fé. Tem. Mas junto com os romeiros é como se a gente tivesse mais em casa, até porque meu Padrinho Cícero atendia muito os romeiros, então isso nos faz lembrar que ele tá bem pertinho. [...] E é uma energia que só aqui tem, pelo menos aqui nessa região nossa, para quem está próximo daqui. Aqui é a Roma dos pobres. (JACKSON, romeiro da Paraíba, 31 anos, entrevista concedida em outubro de 2006).

A “Roma dos pobres” é também a cidade grande onde é possível de tudo se abastecer e que não pára de crescer, não mais apenas em função das romarias, mas, em decorrência delas, mantém um curso de desenvolvimento e avanço demográfico, agregando significados característicos das metrópoles e capazes de gerar outros tipos de demandas por experiências, que se agregam à romaria como vantagens adicionais do percurso.



Percorrê-la é quase como perambular em duas cidades que tanto se confundem como se distinguem claramente, dependendo de como se olha e de quem olha. As recorrências de contato com outros sujeitos durante as romarias tendem a aproximá-los mais de outros romeiros com quem partilham lugares sociais comuns, que de moradores locais, muitas vezes distanciados por questões relacionadas a distintas apropriações do espaço e geradoras de tensões.

### **Considerações finais**

Partindo da problematização das romarias em termos das recorrências que dela fazem parte, e considerando as experiências de seus participantes, que contribuem para que novos conteúdos sejam agregados ao significado das romarias, percebo que as evocações ritualísticas das romarias em Juazeiro do Norte ancoram-se na relação tradicional dos participantes com os elementos que norteiam suas devoções: o santo, a cidade, os outros romeiros, as narrações de eventos e fatos.

Contudo, as práticas que contextualizam o que é a romaria contemporânea situam a tensão entre as tradições e os conteúdos da modernidade. Uma tensão que se coloca superficialmente em termos de polarizações de significados e substancialmente em termos de ajuste de práticas, anunciando um processo de caracterização do fenômeno que avança do essencialmente religioso ao amplamente cultural, na medida em que a justificativa tradicionalmente religiosa já não dá conta do fenômeno. São práticas de consumo, lazer e experiências diversas que roubam boa parte da cena religiosa e a incrementam ao apontarem a diversificação das necessidades dos participantes que mesmo quando mantêm a centralização do foco religioso em suas motivações, cada vez mais compreendem outras demandas como complementação da romaria e não como oposição ao seu fundamento religioso.

Isso é problemático em termos de discurso porque as falas, sobretudo o que se coleta em contextos de entrevista e principalmente entre os participantes de mais idade, não corroboram essa percepção. Há uma elaboração tácita, repetida amplamente em defesa da “verdadeira” romaria que contribui para que haja um mascaramento do



processo de transformação dos significados. Embora assim pareça em boa parte das falas, a tensão que se coloca não se dá fundamentalmente como luta entre ações em oposição, mas inerente ao processo de ajuste, quando os significados e enredos da prática assumem ampla variedade de manifestações.

Na observação das relações entre os participantes e entre estes e a cidade é que os conteúdos diversos da prática romeira tornam-se elementos que contribuem para a compreensão do movimento que anuncia o que está para além da fachada social do fenômeno.

É a vivência da romaria que assume a dianteira da significação e constrói novas demandas e direcionamentos da prática. A recorrência de conteúdos religiosos é estruturante, mas paulatinamente vai se colocando em situação de concorrência com outras práticas não religiosas, embora os discursos sejam continuamente evocados para criar localizações no interior dos grupos de romeiros e indicar os conteúdos que são adequados ao contexto de romarias e os que não são.

A importância que os participantes dão a esse discurso de localização é variável, mas é amplamente percebida a distancia entre o discurso e a prática, entre a viver a romaria e falar sobre ela. Não obstante, o cenário da vivência, estabelecido numa cidade que cresce e se torna metrópole, é de alteridade e identidade. E essa é também uma dimensão de significado: com o outro se aprende sobre a própria identidade e sua construção, tanto pela distinção – e esta se dá pela via das práticas rituais e do espaço, como pela identificação com os outros.

Viver a experiência de fazer uma romaria, deslocando-se a um lugar reputado como sagrado no contexto contemporâneo também evoca conteúdos mais amplamente difundidos como característicos de modos de vida e comportamentos sociais num mundo que apela ao movimento e estabeleceu o ato de viajar como um capital cultural continuamente associado ao estilo de vida contemporâneo e não só por sua relação com a noção de férias e lazer no contexto de mundo do trabalho. O ato de viajar também associa-se à promoção pessoal, como um capital que proporciona um status diferenciado ao seu possuidor. É nesse contexto em que são invocadas idéias de romaria como viagem de recreio, nos moldes de “excursão”.



Anuncia-se aí, por meio da “excursão da romaria” o que Bauman (1998) sinaliza como estratégia da vida pós-moderna para evitar que a identidade se fixe. O autor usa o turista como metáfora, para situar o anseio de viajar dentro da condição de mobilidade característica do mundo contemporâneo: as pessoas devem poder mudar sempre que suas necessidades assim impulsionem, ou os sonhos solicitem. Entregar-se ao movimento é uma recusa à retenção da identidade e cada experiência explica-se em si mesma pelo grau de sensações que proporciona.

Como fica a romaria nesse cenário de distintas motivações? Entre os vários entrevistados que abraçam a romaria como uma viagem, um passeio, ou uma excursão, algo fica patente: a recorrência do lugar. Não é um deslocamento a qualquer lugar, que implique apenas em estabelecer uma situação de mobilidade; é um deslocamento a um lugar específico, que proporciona experiências cujas vivências são previamente expectadas. É nesse contexto que se desenha a romaria de hoje: uma construção que alinha recorrências rituais à experiência de viver o fenômeno segundo necessidades e desejos dos participantes, delineando o significado entre o recorrente e o vivido.

### Referências bibliográficas

AMARAL, Rita de Cassia. **Festa à brasileira**: sentidos de festejar no país que não é sério. 1998. 387f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade. In: **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 106-120.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção Tópicos).

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1990.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

14

TIMOTHY, Dallen J.; OLSEN, Daniel H. **Tourism, religion and spiritual journeys.**  
New York: Routledge, 2006.